

RELATÓRIO DE ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA
SÉRGIO MONTEIRO-RODRIGUES

SEGUNDA CAMPANHA DE ESCAVAÇÃO NA
ANTA DOS CURRAIS DO GALHORDAS
CASTELO DE VIDE - PORTALEGRE

(SETEMBRO DE 2013)

PORTO
2015

Relatório de Escavação Arqueológica

Segunda Campanha de escavação na Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide, Portalegre)

Arqueólogo responsável: Sérgio Emanuel Monteiro-Rodrigues

0. INTRODUÇÃO

A segunda campanha de escavação na Anta dos Currais do Galhordas (CNS 7270 – classificado como Sítio de Interesse Municipal, SIM, Despacho Municipal de 13 de Março de 2013), Castelo de Vide, Portalegre, enquadrada ainda num projecto de valorização turística, cultural e ambiental da área envolvente da albufeira da barragem de Póvoa e Meadas, promovido pela Câmara Municipal de Castelo de Vide (CMCV), decorreu entre os dias 2 e 13 de Setembro de 2013, num total de 11 dias úteis de trabalho. A coordenação dos trabalhos esteve a cargo de Sérgio Emanuel Monteiro-Rodrigues, docente do curso de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo nela participado alunos do Mestrado em Arqueologia daquela mesma Instituição – Inês Cristina Fernandes Oliveira Martins, Maria Helena Lopes Barbosa e Simão Duarte Carvalho Morgado –, funcionários da Secção de Arqueologia da CMCV – João Magusto e Nuno Félix –, bem como outros colaboradores – Sandra Santos (arqueóloga) e Bruno Marques. O apoio financeiro e logístico foi integralmente suportado pela CMCV.

Os dados constantes deste relatório dizem respeito à segunda campanha de escavação na Anta dos Currais do Galhordas, devendo ser tidos em conta em articulação com os da primeira campanha, já em posse da tutela – vide *Relatório de Escavação Arqueológica. Primeira Campanha de escavação na Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Portalegre)*.

1. ENQUADRAMENTO FISIAGRÁFICO

A Anta dos Currais do Galhordas localiza-se no lugar de Tapada do Souto, junto à albufeira da barragem de Póvoa e Meadas. Pertence à freguesia de S. João Baptista, concelho de Castelo de Vide, distrito de Portalegre (Figs. 1 e 2). As suas coordenadas geográficas são as seguintes: 39°27'39,09"N 07°32'40,61"W Greenwich. Altitude: 331m a.n.m.a.m.

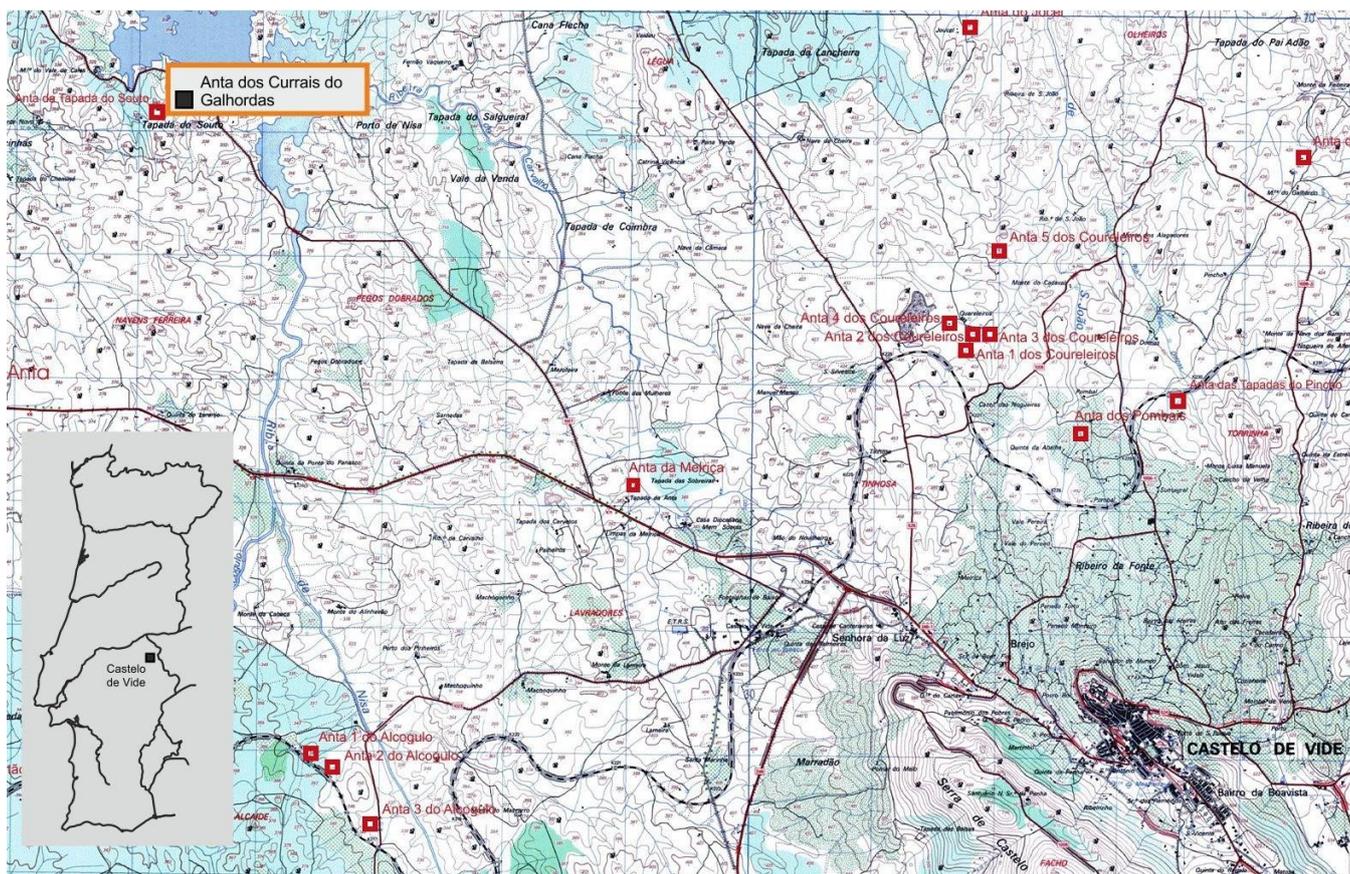


Figura 1 – Localização da Anta dos Currais do Galhordas em extracto da *Carta Militar de Portugal* na escala 1:25000, folha 335 (Castelo de Vide), 1999 (quadrado negro).



Figura 2 – Localização da Anta dos Currais do Galhordas. Foto de satélite extraída do programa informático *Google Earth*, versão 7.1.2.2041, modificada.

Caracterização geológica e geomorfológica do sítio arqueológico

Do ponto de vista geológico, a anta dos Currais do Galhordas encontra-se numa região dominada pelo granito – granito calco-alcálico, porfiróide, de grão grosseiro (Fernandes *et al.*, 1972) – rocha essa usada na sua construção. O monumento megalítico implanta-se num vale pouco profundo onde corre, aproximadamente de sul para norte, uma linha de água sazonal, afluente da Ribeira de Nisa. Este vale encontra-se delimitado, a este e a oeste, por relevos graníticos de baixa altitude (*vide* relatório de escavação arqueológica relativo ao ano de 2011).

Acesso ao sítio arqueológico

Partindo de Castelo de Vide, o acesso ao monumento faz-se da seguinte forma: EN 246 em direcção a Alpalhão; viragem à direita para a EM 1007, na indicação “Barragem de Póvoa e Meadas”. Após cerca de 5 km, a anta surge à esquerda (existe sinalética ao longo da EM 1007 apontando vários elementos patrimoniais, nomeadamente a Anta dos Currais do Galhordas) (Fig. 2).

2. A ESCAVAÇÃO

2.1. Objectivos, estratégia e metodologia da intervenção

Tal como é referido no ponto *Estratégia e Metodologia da Intervenção* constante do *Plano de Trabalhos* do segundo PATA (2013) por nós apresentado, os trabalhos de escavação arqueológica realizados na Anta dos Currais do Galhordas tiveram como principal objectivo dar continuidade às acções iniciadas na campanha de 2011. Ou seja, visaram, sobretudo, compreender os processos e as técnicas de construção do monumento megalítico e dar resposta a problemas pontuais que, naquele ano, não foram integralmente resolvidos. Por outro lado, pretendeu-se também iniciar o restauro da anta, principalmente nas zonas aparentemente mais instáveis.

Com vista à consecução dos referidos objectivos procedeu-se, então, à escavação das áreas indicadas na figura 3, tendo em vista o esclarecimento dos seguintes aspectos:

- a) Área A (quadrículas 1/C, D, E, F, G e 2/C, D): compreender a estruturação interna da mamoa, quer no seu sector intermédio, quer na área do contacto com a câmara funerária;
- b) Área B (quadrículas Z'/1, 2, 3, 4, 5): procurar definir o esteio do corredor da quadrícula Z'/5, caracterizar a contrafortagem dos esteios do corredor do lado sul e descrever a estruturação interna da mamoa, igualmente no lado sul do monumento;
- c) Área C (quadrículas A/6, 7 e B/6): procurar avaliar a extensão total do corredor intratumular. Como foi referido no PATA, esta acção implicava o derrube de árvore de grande porte pelo que não foi possível concretizá-la;
- d) Área D (quadrículas D/4 e 5): verificar qual a função do grande bloco de granito “aflorante” nas terras da mamoa.

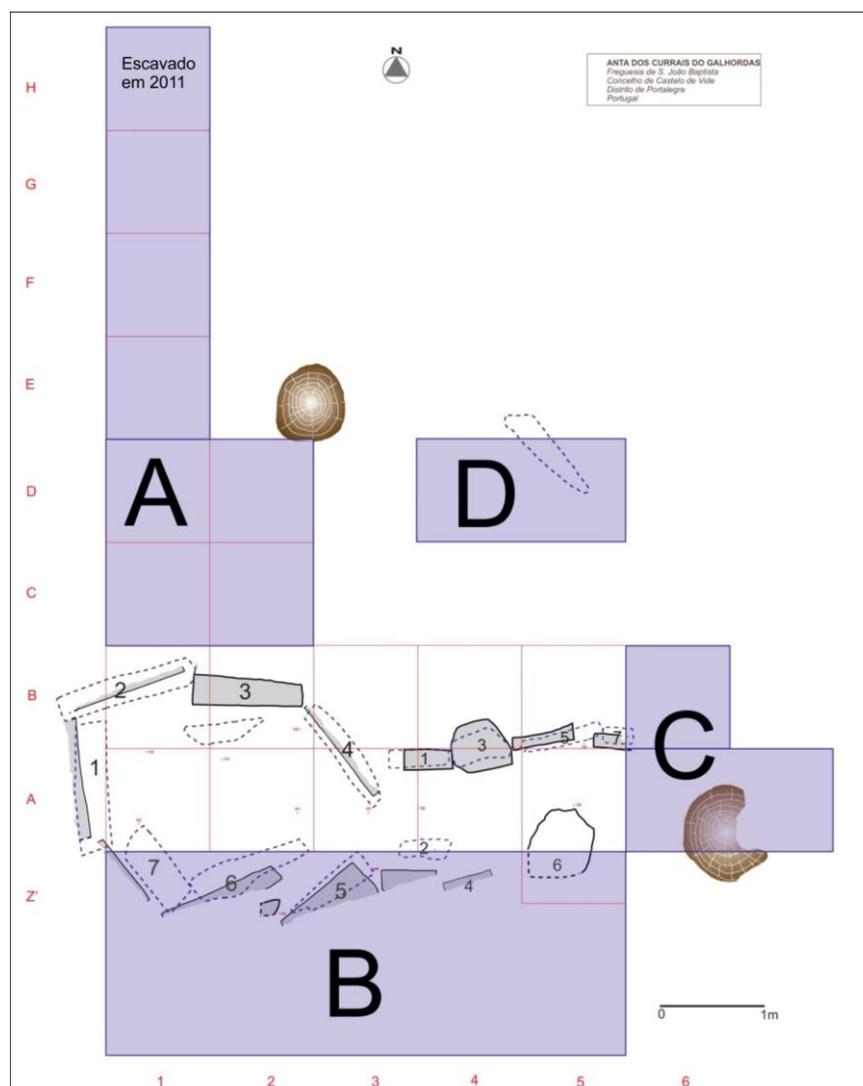


Figura 3 – Representação das áreas intervencionadas na segunda campanha de escavação.

No âmbito das acções de restauro, pôs-se a hipótese de se colocar na posição original a laje de cobertura da câmara funerária e os esteios do lado sul do monumento – esteios 3, 5 e 6 da câmara e 2, 4 e 6 do corredor (Fig. 3) – que se encontram inclinados para o seu interior, recorrendo para tal a meios mecânicos. Contudo, como veremos adiante, só dispusemos de tempo para o reposicionamento do esteio 3 da câmara funerária e para o restauro do corredor.

No que diz respeito à estratégia e metodologia adoptadas, os trabalhos foram planeados de acordo com o seguinte faseamento:

- a) Limpeza inicial do terreno: esta acção implicou desmatção e o afastamento, com meios mecânicos, do enorme volume de pedras que circundava o monumento (Fig. 4);
- b) Remoção, na área A (Fig. 3), das pedras, da terra e da tela de geo-têxtil que foram usadas para a protecção da mamoa após a primeira campanha de escavação, igualmente com meios mecânicos (Fig. 5);

- c) Remoção, com meios mecânicos, da laje de cobertura do monumento megalítico, que se encontrava tombada e encostada aos esteios da câmara funerária do lado sul. Sem esta remoção não seria possível escavar a área B (Figs. 3 e 6);
- d) Implantação de quadriculagem com quadrados de 1m², orientada segundo os principais pontos cardeais, coincidindo, naturalmente, com a quadriculagem anteriormente definida.
- e) Levantamento topográfico das áreas a intervencionar pela primeira vez. Os pontos definidos pela intercepção dos eixos de x (W-E) com os eixos de y (N-S) da quadricula foram cotados relativamente ao “ponto zero” estabelecido para o sítio arqueológico. Quando se proceder ao levantamento topográfico integral do monumento todas as cotas obtidas serão convertidas em valores altimétricos absolutos.



Figura 4 – Remoção das pedras depositadas em torno do monumento megalítico (possivelmente provenientes da destruição da mamoa ao longo dos tempos).



Figura 5 – Remoção das pedras, da terra e do geo-têxtil da área A, intervencionada inicialmente em 2011.



Figura 6 – Remoção da laje de cobertura da câmara funerária que se encontrava tombada no lado sul do monumento megalítico.

Após isto, iniciaram-se os trabalhos de escavação propriamente ditos. Do ponto de vista metodológico, foram postos em prática os procedimentos normalmente usados na escavação de monumentos megalíticos (e.g. Jorge 1982; Oliveira 1995; Cruz 2001), que valorizam, entre outros aspectos, o princípio da estratigrafia e a sequência operatória subjacente à sua construção. Em termos concretos, procedeu-se:

- À decapagem horizontal nas áreas preenchidas por sedimentos finos utilizando para tal colherins, escovas, pinceis e pequenas pás.
- Nas áreas com componente pétreo, as pedras foram removidas por “níveis” artificiais, seguindo a sequência segundo a qual terão sido depositadas (nestes casos foi necessário recorrer pontualmente a ferramentas pesadas).
- O registo arqueológico foi feito através de fotografia, desenho (de perfis e de plantas à escala 1/20) e texto em caderno de campo.
- Os artefactos e os ecofactos foram, na sua totalidade, localizados horizontal e verticalmente de acordo com as coordenadas cartesianas, aferidas a partir dos eixos x (W-E) e y (S-N) da quadrícula, e do eixo Z com início no ponto de cota 0 da estação. Estas coordenadas serão posteriormente ligadas à rede geodésica nacional.
- Foram recolhidas amostras de sedimentos do provável “paleossolo” da base do monumento para eventual caracterização sedimentológica e análise polínica.
- Os sedimentos foram integralmente crivados com malha de 4 mm.
- O material arqueológico recolhido foi devidamente acondicionado, sobretudo o susceptível de conter conteúdos orgânicos (nomeadamente, os vasos cerâmicos).

2.2. Resultados

Área A

Na área A deu-se continuidade aos trabalhos de escavação da mamoa, encetados em 2011. Os principais dados obtidos foram os seguintes:

- No alinhamento B, C, D, E, F, G, H/1 confirmou-se uma clara diminuição da espessura da mamoa à medida que se avança para a sua periferia (Fig. 7 e Planta 2). Esta diminuição é francamente mais acentuada no segmento G/1-H/1, onde a mamoa não atinge mais de 30 cm. Nestas mesmas quadrículas, a mamoa é constituída quase exclusivamente por sedimento arenoso, com algum silte, que embala pequenos blocos de granito dispersos.



Figura 7 – Sector A. Quadrículas B, C, D, E, F, G, H/1. Vista N-S. Observe-se a reduzida espessura da mamoa nas quadrículas em primeiro plano e o bloco de grande dimensão.

- A partir da quadrícula F/1, e até às quadrículas B/1 e B/2, a mamoa não só ganha espessura, como também evidencia uma componente pétreia bastante significativa (Fig. 8 e Plantas 4, 5, 6 e 7). Tendo em conta a presença de um bloco de granito de grandes dimensões na quadrícula F/1 – claramente maior do que os restantes incorporados na mamoa (Fig. 7) –, pode levantar-se a hipótese de este bloco funcionar como um marco arquitectónico, eventualmente de cariz “simbólico”, que estabelece a separação entre dois sectores da mamoa: um interior, estruturalmente mais denso, composto por “terra” e pedras de maior tamanho, e um exterior, menos estruturado, composto por “terra” e pedras de reduzida dimensão. Uma vez que na quadrícula D/5 (área D) está presente um outro grande bloco em circunstâncias semelhantes, talvez seja de considerar a existência de uma espécie de anel lítico descontínuo, que ocupa uma posição mais próxima do perímetro externo do *tumulus* do que da câmara funerária (Figs. 9 e 10).



Figura 8 – Sector A. Quadrículas B, C, D, E, F, G, H/1. Vista S-N. Observe-se a componente pétreo da mamoa nas quadrículas mais próximas da câmara funerária (B/2 e B/1-F/1).



Figura 9 – Possível anel lítico descontínuo integrado na mamoa.

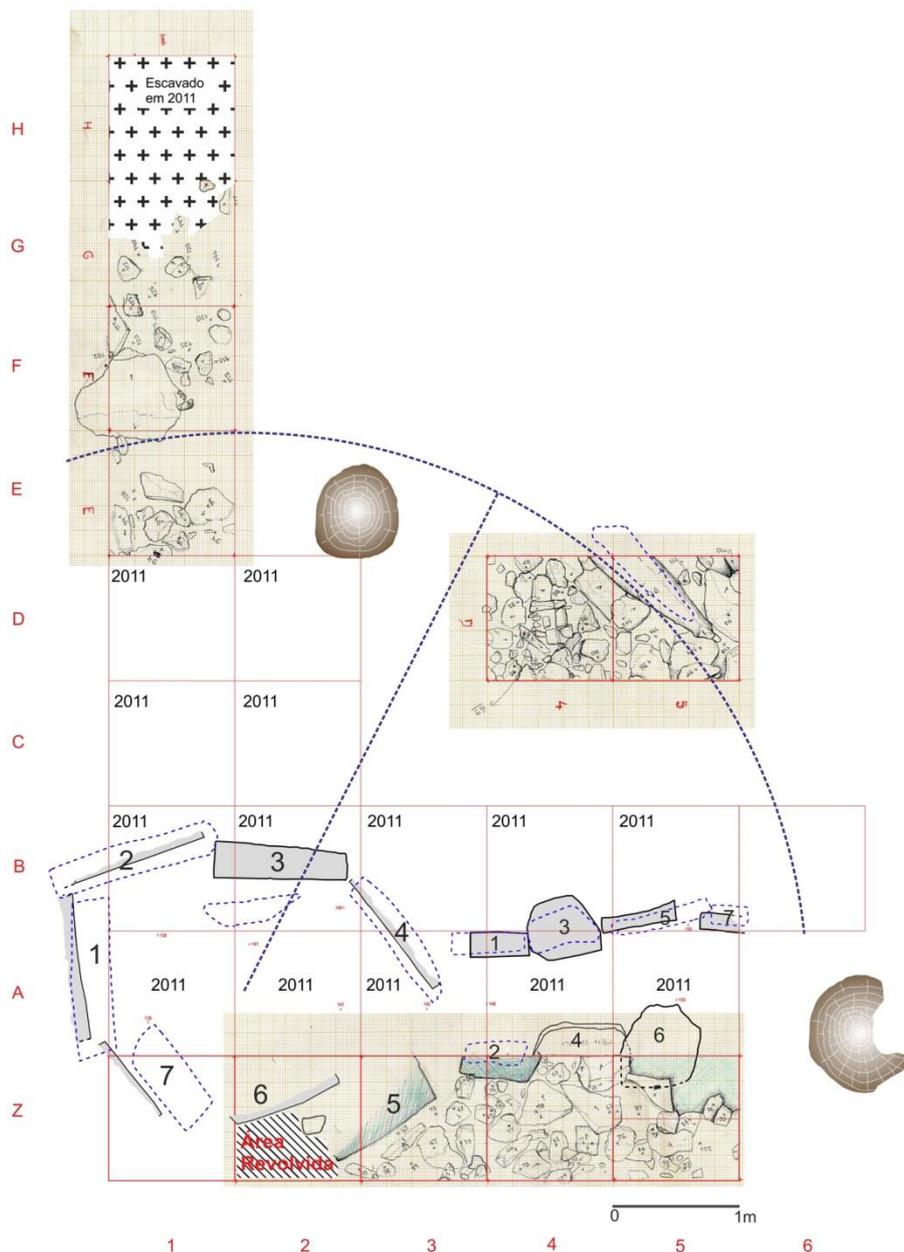


Figura 10 – Posição dos blocos de granito das quadrículas F/1 e D/5 em relação ao centro da câmara funerária.

Em alternativa, estes blocos poderiam demarcar o limite efectivo da mamoa, pelo que as rochas e sedimentos detectados do seu lado exterior corresponderiam tão-só a acumulações decorrentes da erosão e do abatimento do *tumulus*. A clarificação deste problema implica a realização de mais trabalhos de escavação em pontos estratégicos da mamoa, nomeadamente no seu sector periférico.

Nas quadrículas B/1, B/2, C/1 e C/2 escavou-se até ao *bedrock*, o que permitiu observar a estruturação interna da mamoa, o sistema de fixação dos dois esteios da câmara funerária e, aparentemente, o respectivo contraforte (Plantas 4, 5, 6 e 7).

Relativamente à estruturação interna da mamoa verificou-se que, pelo menos neste sector, ela possui uma “camada” inferior, constituída por sedimento areno-siltoso esbranquiçado e pedras de dimensões muito variável (algumas decimétricas), e uma “camada” superior, formada essencialmente por blocos de

granito bastante bem imbricados. A “camada” inferior assenta no que parece ser o “solo antigo” *in situ*, composto essencialmente por material resultante da arenização do substrato granítico, sem qualquer vestígio de matéria orgânica (Fig. 11).



Figura 11 – Estruturação interna da mamoa na área adjacente à câmara funerária. Observe-se também a base do esteio 3 fincado no depósito arenoso da base.

Os dois esteios da câmara funerária foram, por sua vez, implantados em alvéolos ou mesmo numa vala contínua aberta no “solo” antigo, aparentemente pouco profunda (cerca de 30 a 40 cm), e calçados com blocos de granito (Fig. 12). Devido à homogeneidade dos sedimentos, em termos de textura e de coloração, não foi possível distinguir o contorno dos alvéolos/vala. Entre os esteios e a mamoa observou-se uma maior concentração de blocos de granito que poderão ter funcionado como estrutura de contrafortagem (Fig. 11).



Figura 12 – Blocos de granito a calçar os esteios da câmara funerária

As quadrículas D/1 e E/1 não puderam ser escavadas para além do “nível” 4, e a D/2 para além do “nível” 3, devido à presença de raízes de árvore de grande porte. Em todo o caso, e tal como foi acima referido, foi possível observar neste local uma grande densidade de blocos de granito embalados numa matriz areno-siltosa integrando o “miolo” da mamoa (Fig. 13 e Planta 4).



Figura 13 – Quadrículas E1 e D1 mostrando a componente pétreo da mamoa. As raízes impediram a sua escavação.

Área B

Como foi acima referido, os trabalhos levados a cabo na área B iniciaram-se pela remoção, com meios mecânicos, da laje de cobertura da anta, que se encontrava encostada aos esteios do lado sul da câmara funerária. Esta acção foi necessária para permitir o acesso às quadrículas Z'/1, 2, 3 (Fig. 6).

Posteriormente escavou-se a sanja Z'/2, 3, 4, 5, tendo sido detectadas diversos “níveis” pétreos sobrepostos cuja função terá sido a contrafortagem dos esteios da câmara funerária e do corredor. Estes níveis revelaram profunda perturbação estratigráfica, a qual era aliás expectável em função da acentuada inclinação para norte de alguns dos esteios da câmara e, sobretudo, do corredor (Fig. 14 e Plantas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7).

Até ao momento não foi possível compreender qual o motivo que originou a perturbação generalizada deste sector sul da anta. Aparentemente terá ocorrido um qualquer fenómeno (sismo?¹ mera deficiência estrutural?) que provocou a inclinação dos esteios da câmara funerária e do corredor no sentido do interior do monumento (i.e. para norte), conduzindo à queda das respectivas coberturas (no caso do corredor recordámos que na campanha de 2011 foi encontrada uma laje da sua cobertura tombada nas quadrículas A, Z'/5). Em consequência disto, o espaço vazio que surgiu entre os esteios e o contraforte terá favorecido a desestruturação deste último elemento.

¹ O total desmantelamento da Anta da Tapada do Souto, a cerca de 300 m a W da Anta dos Currais do Galhordas, bem como de outras da margem E da ribeira de Nisa (Vale da Estrada, Pêro D'Álva, etc) poderá eventualmente corroborar esta hipótese.



Figura 14 – “Níveis” pétreos relacionados com a contrafortagem dos esteios da câmara e do corredor (do mais superficial – foto 1- ao *bedrock* – foto 7). Observe-se a acentuada inclinação para N dos esteios do corredor.

Não obstante a referida perturbação, foi possível compreender o sistema de fixação e de contrafortagem do esteio da câmara (esteio 5) e dos esteios do corredor (esteios 2, 4 e 6). Todos eles terão sido inseridos em alvéolos (ou vala) pouco profundos (difíceis de reconhecer) e estabilizados com recurso a cunhas de granito (tal como descrito no relatório de 2011, a propósito dos esteios do corredor do lado norte) e grandes blocos desta mesma rocha (Figs. 14-6 e 14-7). Ao contrário do que se observou no lado norte do corredor, estes blocos assentam directamente no *bedrock* (e não num nível areno-siltoso conectado com o “solo” antigo), são globalmente mais pequenos e apresentam uma imbricação menos complexa.

Na quadrícula Z’/5 exumou-se a totalidade do esteio número 6, mal definido na campanha de 2011. Curiosamente, este esteio, que se encontrava quase completamente tombado, apresenta uma espessura muitíssimo inferior à dos restantes esteios do corredor, na ordem dos 10 cm. Talvez por isso tenha sido necessário, no passado, recorrer a uma solução construtiva que passou pela colocação de grandes lajes sobrepostas no seu lado exterior com vista ao seu reforço (Fig. 15).

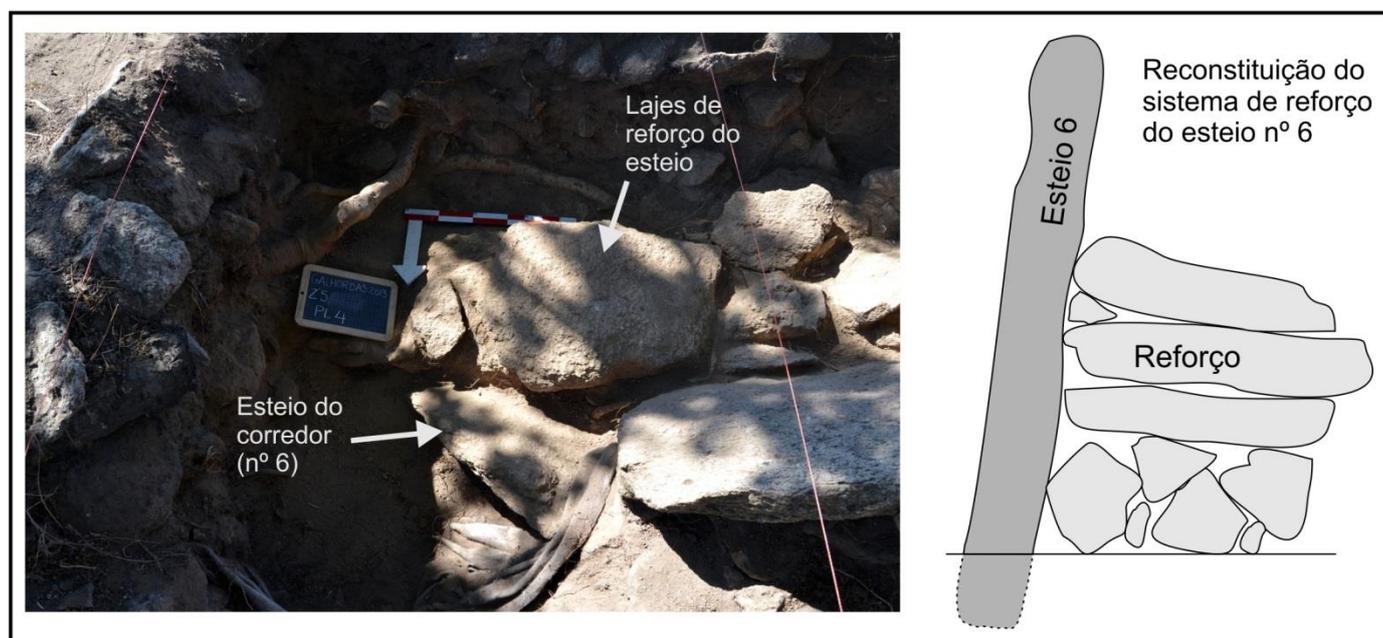


Figura 15 – Quadrícula Z’/5. Esteio número 6 e lajes exteriores de reforço. À direita, reconstituição esquemática do sistema de reforço.

Área C

Não foi possível proceder à escavação da área C uma vez que não foi autorizado o derrube da árvore de grande porte que se encontra no alinhamento do corredor.

Área D

Como foi acima referido, a decisão de escavar a área D prendeu-se com o facto de aí existir um grande bloco de granito alongado, bem destacado relativamente à superfície da mamoa, sugerindo tratar-se de um fragmento de esteio tombado.

Contudo, logo após as primeiras decapagens percebemos que este bloco tinha uma espessura relativamente reduzida, encontrando-se pousado sobre outras pedras da mamoa (Fig. 16 e Plantas 1, 2, 3 e 4). Por outro lado, constatou-se que, tal como o bloco da quadrícula F/1 (com o qual se alinha – Fig. 10), também este fazia a separação entre um sector “interno” da mamoa, com blocos de maior dimensão e mais bem imbricados, e um sector “exterior”, aparentemente com menor imbricação. Assim, e retomando as hipóteses já avançadas, este bloco poderá fazer parte do eventual anel lítico descontínuo que estabelece a divisão entre aqueles dois “espaços” da mamoa – “interno” e “externo” – ou, então, poderá demarcar o perímetro do *tumulus* (o que necessita de confirmação).

O elevado peso deste bloco implicou que a sua remoção fosse feita recorrendo à tracção com uma viatura (Fig. 17).



Figura 16 – Grande bloco de granito da quadrícula D/5 integrado na estrutura pétreo da mamoa.



Figura 17 – Trabalhos de remoção do bloco de granito da quadrícula D/5.

3. MATERIAL ARQUEOLÓGICO EXUMADO

Ao contrário da campanha de escavação de 2011, o material arqueológico recolhido foi muito pouco significativo, o que nos leva a concluir que a sua maior concentração estava inequivocamente associada à câmara funerária e ao corredor intratumular.

O inventário (genérico) do referido material é o seguinte (* assinala os artefactos mais significativos):

- * Vaso carenado (carena baixa), fragmentado, localizado sob o esteio nº 6 do corredor. Este vaso, encontrado em posição invertida, faz, muito provavelmente, parte do conjunto que identificámos em 2011 na quadrícula A/5, que deve corresponder a uma deposição primária (Z= 152 cm) (Fig. 18).
- * Ponta de seta atípica sob o esteio nº 6 do corredor proveniente da quadrícula A/5 (Z= 152) (Fig. 19).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula C/1 (mamoá), sobre as pedras da planta 4 (Z= 85-94 cm).
- * Ponta de seta de base recta com pedúnculos laterais em corneana, proveniente da quadrícula C1 (mamoá), sob as pedras da planta 4 (Z= 103) (Fig. 20).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula C/1 (mamoá), sob as pedras da planta 4 (Z= 103 cm).
- * Conta de colar em “rocha verde” proveniente da quadrícula C/1 (mamoá), entre as pedras da planta 5 (Z= 112 cm) (Fig. 20).
- * Fragmento de dormite em granito proveniente da quadrícula C/1 (mamoá), entre as pedras da planta 5 (Z= 89 cm) (Fig. 21).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula C/1 (mamoá), sob as pedras da planta 5 (Z= 118-125 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula C/1 (mamoá), sob as pedras da planta 6 (Z= 129 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula C/2 (mamoá), sobre as pedras da planta 4 (Z= 89 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula C/2 (mamoá), sob as pedras da planta 4 (Z= 98 cm).
- * Fragmentos de vasos proveniente da quadrícula C/2 (mamoá), entre as pedras da planta 5 (Z= 105-110 cm) (Fig. 22).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula C/2 (mamoá), sob as pedras da planta 5 (Z= 120 cm).
- Fragmentos de cerâmica, líticos e material antracológico provenientes da quadrícula C/2, sob as pedras da planta 6 (Z= 135 cm).
- Fragmento de cerâmica e lítico provenientes da quadrícula D/1 (mamoá), sobre as pedras da planta 4 (Z= 89-93 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula D/1 (mamoá), entre as pedras da planta 4 (Z= 94 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula D/4 (mamoá), sob as pedras da planta 1 (Z= 89 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula D/4 (mamoá), sobre as pedras da planta 2 (Z= 93-98 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula D/4 (mamoá), sob as pedras da planta 2 (Z= 97 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula D/4 (mamoá), entre as pedras da planta 3 (Z= 112 cm).
- Fragmento de cerâmica proveniente da quadrícula D/4 (mamoá), entre as pedras da planta 4 (Z= 119 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula D/5 (mamoá), sob as pedras da planta 2 (Z= 118 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula D/5 (mamoá), sobre as pedras da planta 4 (Z= 133 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula E/1 (mamoá), sob as pedras da planta 2 (Z= 125 cm).
- Fragmento de cerâmica proveniente da quadrícula F/1 (mamoá), sob as pedras da planta 1 (Z= 111 cm).
- Fragmento de cerâmica proveniente da quadrícula F/1 (mamoá), sob as pedras da planta 2 (Z= 125 cm).
- * Lasca de quartzito proveniente da quadrícula F/1 (mamoá), sobre o *bedrock* (sob as pedras da planta 4) (Z= 137 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula G/1 (mamoá), sob as pedras da planta 1 (Z= 123 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula G/1 (mamoá), entre as pedras da planta 2 (Z= 136 cm).
- Fragmento de cerâmica proveniente da quadrícula H/1 (mamoá), sob as pedras da planta 1 (Z= 128 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula Z/2, área muito revolvida (Z= 79 cm).

- * Fragmento de placa (grauvaque?) com incisões nas duas faces proveniente da quadrícula Z'/2, do espaço entre os esteios da câmara funerária (área muito perturbada por remeximentos) (Z= 92 cm) (Fig. 23).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula Z'/2, entre as pedras da planta 4 (Z= 96-110 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula Z'/2, sob as pedras da planta 5 (Z= 91-126 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula Z'/2, entre as pedras da planta 5 (Z= 121 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula Z'/3, sob as pedras da planta 1 (Z= 68 cm).
- Fragmento de cerâmica proveniente da quadrícula Z'/3, entre as pedras da planta 3 (Z= 77 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula Z'/3, sob as pedras da planta 4 (Z= 104 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula Z'/3, em contacto com o *bedrock* (Z= 144 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula Z'/4, sob as pedras da planta 1 (Z= 68-76 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula Z'/4, sob as pedras da planta 2 (Z= 92-98 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula Z'/4, sob as pedras da planta 3 (Z= 97-110 cm).
- Líticos (incl. fragmento de movente?) provenientes da quadrícula Z'/4, entre as pedras da planta 4 (Z= 109 cm).
- * Conta de colar em "rocha verde" proveniente da quadrícula Z'/4, sobre as pedras da planta 5 (Z= 121 cm) (Fig. 20).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula Z'/4, sobre as pedras da planta 5 (Z= 121 cm).
- Líticos provenientes da quadrícula Z'/5, sob as pedras da planta 3 (Z= 106-110 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula Z'/5, sob as pedras da planta 1 (Z= 86 cm).
- Fragmentos de cerâmica e líticos provenientes da quadrícula Z'/5, sob as pedras da planta 2 (Z= 87 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula Z'/5, sob as pedras da planta 4 (Z= 114 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula Z'/5, sob as pedras da planta 5 (Z= 137-148 cm).
- Fragmentos de cerâmica provenientes da quadrícula Z'/5, sobre as pedras da planta 5 (Z= 132 cm).
- Fragmentos de cerâmica, líticos e material antracológico provenientes da quadrícula Z'/5, sob as pedras da planta 5 (Z= 143 cm).



Figura 18 – Exumação do vaso carenado em posição invertida, sob o esteio nº 6 do corredor.



Figura 19 – Vaso carenado invertido e ponta de seta que lhe surge associado.

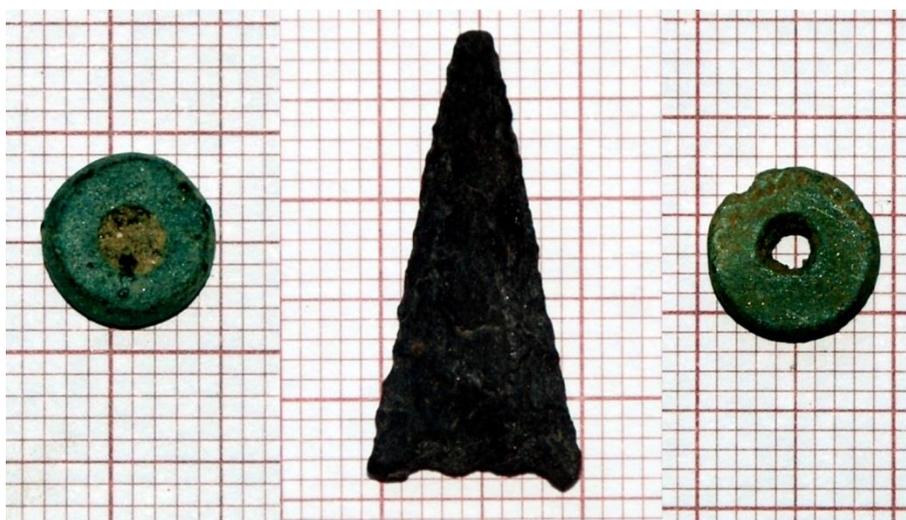


Figura 20 – Ponta de seta de base recta com pedúnculos laterais e contas de colar em “rocha verde”.



Figura 21 – Fragmento de dormente em granito recolhido entre as pedras da mamoa.



Figura 22 – Fragmentos de vasos de pequenas dimensões provenientes da mamoa.



Figura 23 – Fragmento de placa de grauvaque (?) com incisões nas duas faces.

4. OS TRABALHOS DE RESTAURO

Por falta de tempo não nos foi possível restaurar a totalidade do monumento megalítico, tal como havíamos planeado. Conseguímos apenas colocar na posição original o esteio número 3 da câmara funerária e verticalizar os esteios do lado sul do corredor (esteios 2, 4 e 6) (Fig. 3).

O esteio número 3, fracturado sensivelmente a meia altura, encontrava-se, como foi já referido, inclinado no sentido do interior da câmara funerária, isto é, para sul. Após a escavação integral do seu contraforte foi possível verticalizá-lo com a ajuda da tracção de um veículo e de algumas alavancas de madeira (não foram usados instrumentos de ferro para o não danificar) (Fig. 24). O esteio foi estabilizado com blocos de granito colocados na sua base (Fig. 25).



Figura 24 – Colocação do esteio 3 da câmara funerária na posição original com o auxílio de um veículo e alavancas de madeira



Figura 25 – Estabilização do esteio 3 com blocos de granito colocados na sua base.

Os esteios do corredor do lado sul foram verticalizados com auxílio de um macaco mecânico (Fig. 26) e, tal como no corredor, foram estabilizados com recurso a grandes blocos de granito colocados na sua base (Fig. 27).



Figura 26 – Verticalização dos esteios do corredor do lado sul recorrendo a macaco mecânico.



Figura 27 – Fixação dos esteios do corredor do lado sul.

5. MEDIDAS DE PROTECÇÃO

Tal como na campanha de escavação de 2011, todas as áreas escavadas (A, B, C e D) foram cobertas com geotêxtil e colmatadas com pedras (na base) e terra, sensivelmente até às cotas que apresentavam no início dos trabalhos. Com esta solução impediu-se o acesso aos sectores intervencionados e a eventual destruição de estruturas.

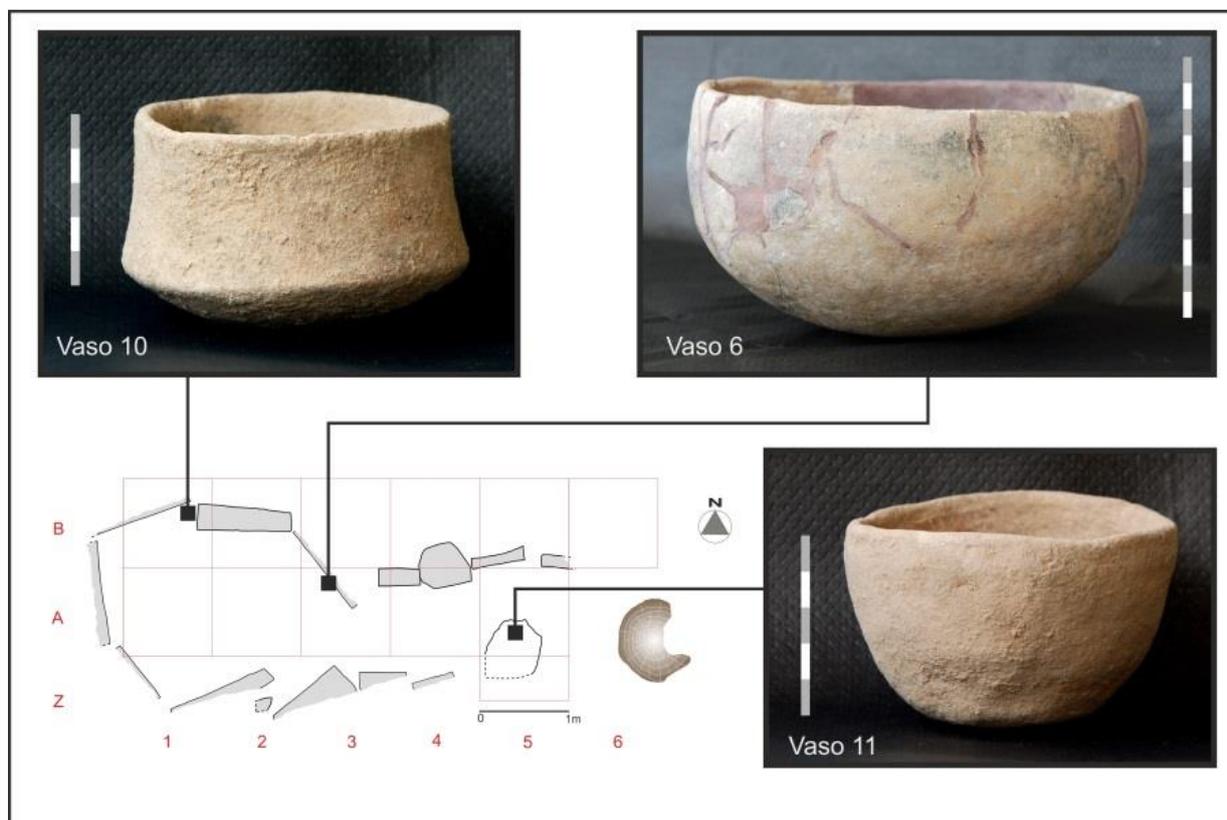
6. ESTUDOS COMPLEMENTARES

Como foi referido no relatório relativo à primeira campanha de escavação da Anta dos Currais do Galhordas (2011), três dos vasos exumados foram sujeitos a análise de conteúdos através cromatografia gasosa com detecção por massa, na Universidade do Minho (responsável pelo estudo: Doutor César Oliveira, Centro de Química da UMinho). Seguidamente apresentam-se os resultados obtidos.

ANÁLISE QUÍMICA DE RESÍDUOS ORGÂNICOS PRESENTES EM VASOS DA ANTA DOS CURRAIS DO GALHORDAS (CASTELO DE VIDE – ALTO ALENTEJO – PORTUGAL)²

Por César Oliveira & Sérgio Monteiro-Rodrigues

Vasos estudados: vaso 6, vaso 10 e vaso 11.



Contextualização espacial dos vasos estudados

A tipologia do vaso 6 remete-o para uma fase antiga da utilização (ou mesmo construção?) do monumento megalítico, eventualmente ainda no âmbito do Neolítico/ Calcolítico. Este vaso surgiu com uma fractura que lhe suprimiu parte do bordo e da pança, encontrando-se intencionalmente encostado a um dos esteios da câmara funerária, possivelmente para que este impedisse a saída do seu conteúdo. O aproveitamento deste recipiente partido sugere tratar-se de uma reutilização, pelo que o material orgânico identificado no seu interior tanto poderá relacionar-se com a “última” utilização do recipiente, como com outras utilizações anteriores, eventualmente muito mais recuadas no tempo. A semelhança entre o conteúdo dos vasos 6 e 11 parece corroborar a primeira possibilidade (i.e. a da reutilização).

A tipologia dos vasos 10 e 11 remete-os para a Idade do Bronze do Sul de Portugal (2º milénio BC), período em que muitos monumentos megalíticos terão sido revisitados. O facto de estes vasos terem surgido em posição invertida permite levantar duas hipóteses: (1) os vasos foram colocados no interior da anta com o conteúdo agora identificado, tendo sido posteriormente invertidos; (2) os vasos foram depositados em posição invertida, relacionando-se os respectivos vestígios orgânicos com a sua utilização noutra contexto que não o do monumento megalítico.

² Para citar esta informação ver Oliveira, C. & Monteiro-Rodrigues, S. 2014, no ponto seguinte *Publicações/ Divulgação dos resultados*.

Resultados da análise por cromatografia gasosa com detecção por massa

Vasos 6 e 11

Os ácidos orgânicos detectados são característicos da presença de bagos de uva fermentada ou frutos vermelhos, que fariam parte da flora local, destacando-se os ácidos succínico, málico, cinâmico e fumárico. O colesterol, ácido fitânico e alguns ácidos ómega sugerem a presença de peixe (é de referir a presença de um curso de água a poucas centenas de metros da anta), sendo os aminoácidos detectados compatíveis com a hidrólise das proteínas de peixe. Foram detectados diversos compostos característicos de óleos de plantas, como o isoeugenol e o linalol, sendo a sua presença compatível com vestígios de plantas resinosas como o pinheiro. A detecção de α -pineno e de ácido desidroabiético, um produto da oxidação do ácido abiético, apoiam esta hipótese. A presença de hexadecanamida e octadecanamida sugerem a presença de algas ou plantas aquáticas. A ausência de levoglucosano, um produto da degradação térmica da celulose, indica que o conteúdo dos vasos não foi cozinhado.

Vaso 10

Detectaram-se concentrações elevadas de ácidos palmítico e esteárico relativamente aos restantes ácidos, com razão C16/C18 entre 1,4 e 2,5. Detectou-se também ácido láctico e ácidos orgânicos insaturados característicos da presença de gorduras animais, como carnes ou leite. Estas conclusões são também suportadas quer pela presença de resíduos de aminoácidos provenientes da degradação de proteínas animais, quer pela detecção de vestígios de colesterol. A distinção entre gorduras animais de carne e leite é normalmente efectuada por técnicas isotópicas não disponíveis. No entanto, foram detectadas quantidades elevadas de hidratos de carbono compatíveis com compostos presentes naturalmente no leite e ausentes na carne.

Encontraram-se compostos provenientes da queima de biomassa vegetal, particularmente de madeiras resinosas como o pinheiro, indicando a utilização destas no aquecimento ou preparação dos materiais orgânicos, ou eventualmente na iluminação da anta. A presença de compostos característicos de óleos de plantas pode relacionar-se quer com uma contaminação ou reutilização do vaso, quer com a utilização de plantas juntamente com o leite (como ainda hoje se faz na preparação de Queijo da Serra da Estrela). É de referir que o leite de animais domésticos, nomeadamente de cabra e ovelha estão normalmente associados a estas primeiras sociedades agro-pastoris.

ÁCIDOS ORGÂNICOS						
<i>Succínico</i>	<i>Málico</i>	<i>Mandélico</i>	<i>Vanílico</i>	<i>Butanedióico</i>	<i>Malónico</i>	<i>Oxálico</i>
<i>Cinâmico</i>	<i>Fumárico</i>	<i>Glucónico</i>	<i>Benzóico</i>	<i>Benzenoacético</i>	<i>Acético</i>	<i>Azeláico</i>
HIDRATOS DE CARBONO		AMINOÁCIDOS		ÁLGAS/PLANTAS AQUÁTICAS		
<i>Galactose</i>	<i>Xilofuranose</i>	<i>Manose</i>	<i>Glicina</i>	<i>Aspargina</i>	<i>Hexadecanamida</i>	<i>Octadecenamida</i>
<i>Piranoze</i>	<i>Galactopiranoze</i>	<i>Glucitol</i>	<i>Alanina</i>	<i>Tirosina</i>	<i>Octadecanamida</i>	<i>Nonadecano</i>
ÓLEOS DE PLANTAS						
<i>Isoeugenol</i>	<i>Fitol</i>	<i>Sitosterol</i>	<i>Oleanitrilo</i>	<i>α-Pineno</i>	<i>Álcoois diversos</i>	
<i>Linalol</i>	<i>Borneol</i>	<i>Estigmasterol</i>	<i>Oleamida</i>	<i>Ácido desidroabiético</i>		
RESTOS DE PEIXE						
<i>Colesterol</i>	<i>Ácido oleico</i> (C18:1, c19, e9)	<i>Ácido palmitoleico</i> (C16:1, c6, e7)	<i>Ácido miristoleico</i> (C14:1, c6, e7)			
<i>Ácido fitânico</i>	<i>Ácido linoleico</i> (C18:2, e6)	<i>Ácido palmitelaídico</i> (C16:1, trans, e7)	<i>Ácido erúico</i> (C22:1, c6, e9)			






ÁCIDOS ORGÂNICOS						
<i>Succínico</i>	<i>Tartárico</i>	<i>Fumárico</i>	<i>Glucónico</i>	<i>Vanílico</i>	<i>Lático</i>	
<i>Propanedióico</i>	<i>Butanedióico</i>	<i>Pentanedióico</i>	<i>Hexanedióico</i>	<i>Isovanílico</i>	<i>Oleico</i>	
HIDRATOS DE CARBONO			AMINOÁCIDOS			
<i>Talose</i>	<i>Xilofuranose</i>	<i>Galactose</i>	<i>Sucrose</i>	<i>Prolina</i>	<i>Lisina</i>	<i>Triptofano</i>
<i>Manose</i>	<i>Ribofuranose</i>	<i>Galactopiranoze</i>	<i>Turanose</i>	<i>Glicina</i>	<i>Adenina</i>	
QUEIMA DE BIOMASSA VEGETAL			ÓLEOS DE PLANTAS			
<i>Levoglucosano</i>	<i>Ácido abiético</i>		<i>Isoeugenol</i>	<i>Quercetina</i>	<i>Fitol</i>	
<i>Ácido pimárico</i>	<i>Ácido desidroabiético</i>		<i>Oleanitrilo</i>	<i>Octadecenamida</i>	<i>Germanicol</i>	
GORDURAS ANIMAIS						
<i>Colesterol e formas oxidadas</i>			<i>Glicerol e triacilgliceróis oxidados</i>		<i>Ácido eláídico</i> (trans-2-octadecenoico)	







Tabelas de resultados – Tabela superior: vasos 6 e 11; Tabela inferior: vaso 10

Relativamente a datações pelo radiocarbono, aguardamos a obtenção de financiamento para procedermos à realização de duas a partir de amostras antracológicas e/ou de materiais orgânicos identificados no interior dos vasos entretanto analisados.

7. PUBLICAÇÕES/ DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS

Os trabalhos realizados na Anta dos Currais do Galhordas foram, até ao momento, divulgados através dos seguintes meios:

Artigos científicos

Monteiro-Rodrigues, S. (no prelo). Resultados da primeira campanha de escavação na Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Centro Leste de Portugal) – Breve síntese. *Actas da II Mesa-Redonda Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história 2011. Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011.

Monteiro-Rodrigues, S. (2013), A Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Centro Leste de Portugal): Resultados da primeira campanha de escavação. *Estudos do Quaternário* 9, APEQ, Braga, pp. 57-70 <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq>.

Posters

Monteiro-Rodrigues, S. (2011) 1ª Campanha de escavação da Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Portugal). Um balanço. *II Mesa-Redonda Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história 2011. Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011.

Oliveira, César; Monteiro-Rodrigues, S. (2014) Análise química de resíduos orgânicos presentes em vasos da Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Alto Alentejo – Portugal). Simpósio internacional *Archaeoanalytics. Chromatography and DNA analysis in Archaeology. 1st Meeting in the North Iberian Peninsula. Celebração do Bimilenário de Augusto*. Braga e Esposende, 10-12 de Setembro de 2014.

Comunicação

Monteiro-Rodrigues, Sérgio (2014) *A Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide – Nordeste Alentejano): Resultados das primeiras intervenções arqueológicas*. Colóquio de Arqueologia de Castelo de Vide – 33 Anos de Arqueologia Municipal (Castelo de Vide, 11 e 12 de Abril de 2014). Organização: Câmara Municipal de Castelo de Vide.

AGRADECIMENTOS

O responsável pelos trabalhos agradece à Câmara Municipal de Castelo de Vide, na pessoa do seu Presidente, Exm.o Senhor António Pita, o convite para coordenar a escavação arqueológica da Anta dos Currais do Galhordas, bem como o apoio institucional e pessoal prestado durante e após a sua realização. Agradece igualmente a colaboração dos estudantes de mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Inês Oliveira Martins, Maria Helena Barbosa e Simão Morgado –, dos elementos do Gabinete de Arqueologia da referida Autarquia – João Magusto (autor dos desenhos de campo e de gabinete) e Nuno Félix – e de Sandra Santos (arqueóloga) e Bruno Marques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DESTE RELATÓRIO

CRUZ, Domingos J. da (2001). *O Alto Paiva: Megalitismo, Diversidade Tumular e Práticas Rituais Durante a Pré-História Recente*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra. Policopiado.

FERNANDES, A. Peinador; CARVALHO, Heitor F.; PERES, A. Martins; PERDIGÃO, J. C. (1972). *Notícia explicativa da folha 28-D (Castelo de Vide) da Carta Geológica de Portugal, na escala 1/50000*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

JORGE, Vítor O. (1982). *O Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto – os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

OLIVEIRA, J. (1995). *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever (Marvão, Castelo de Vide, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e Cedillo)*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora. Policopiado.

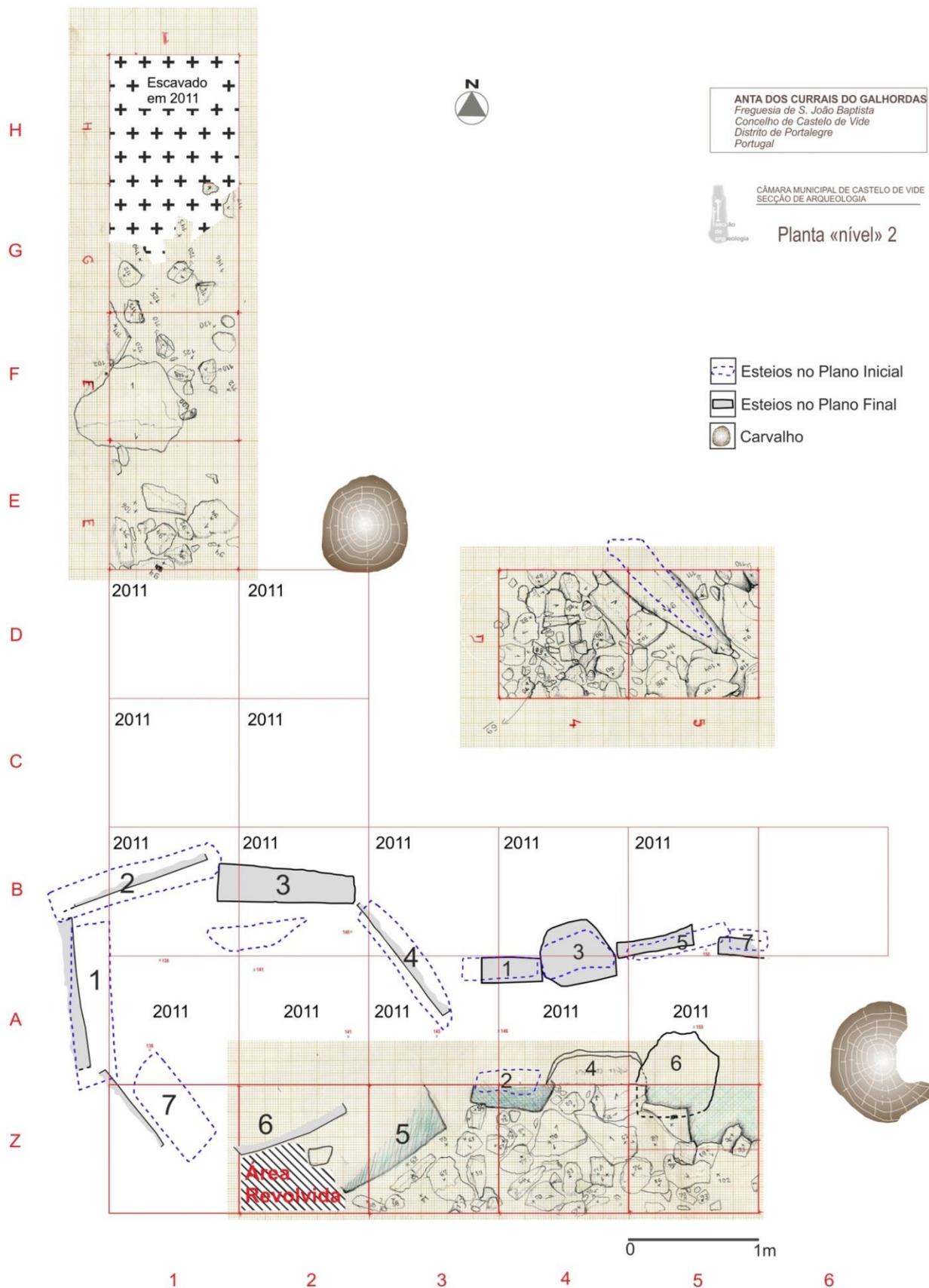
Esposende, 03 de Março de 2015



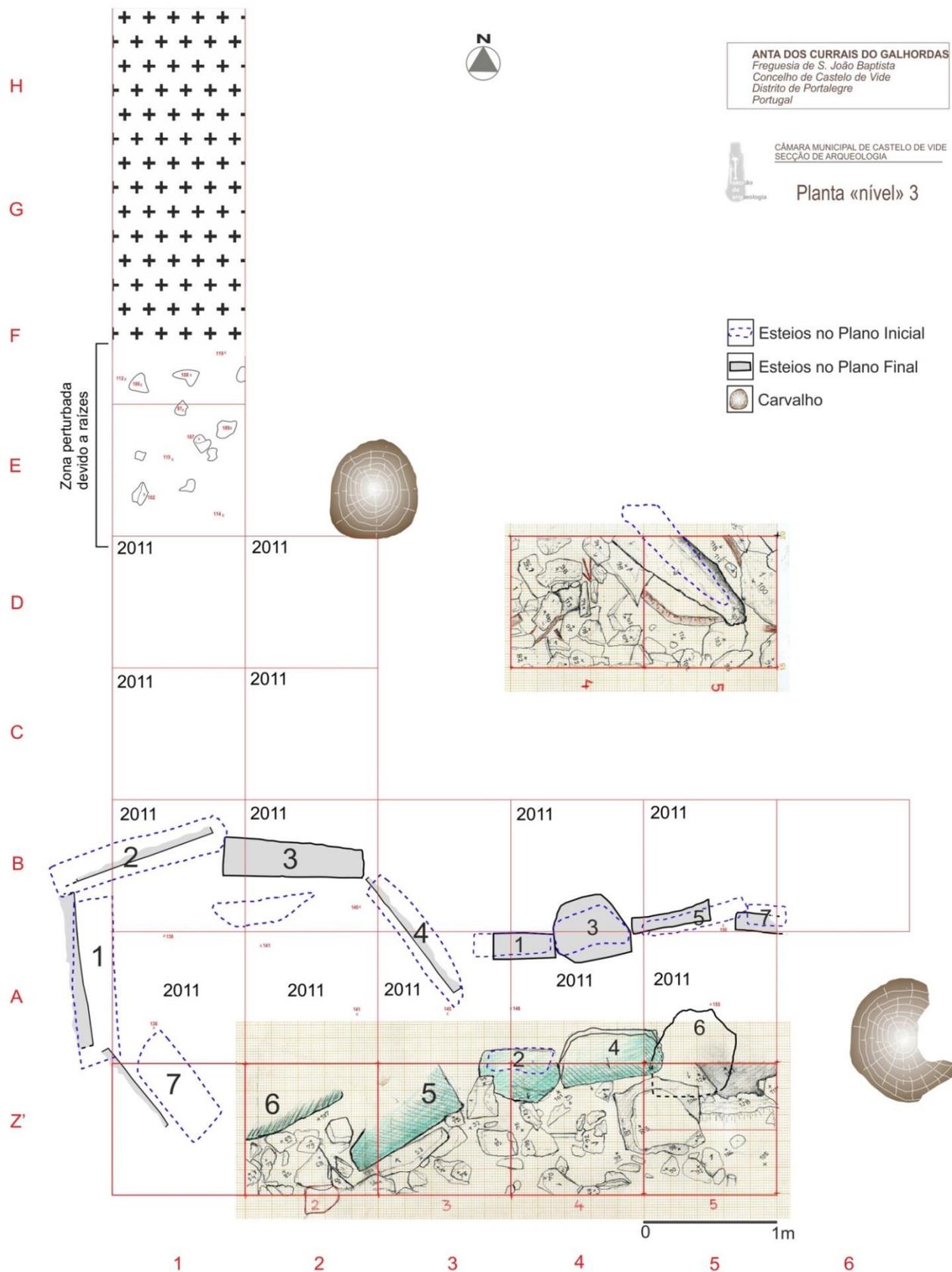
(Sérgio E. Monteiro-Rodrigues)

Universidade do Porto
Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Património
Via Panorâmica, s/n
4150-564 Porto
Portugal
sergiomonteiorodrigues@gmail.com

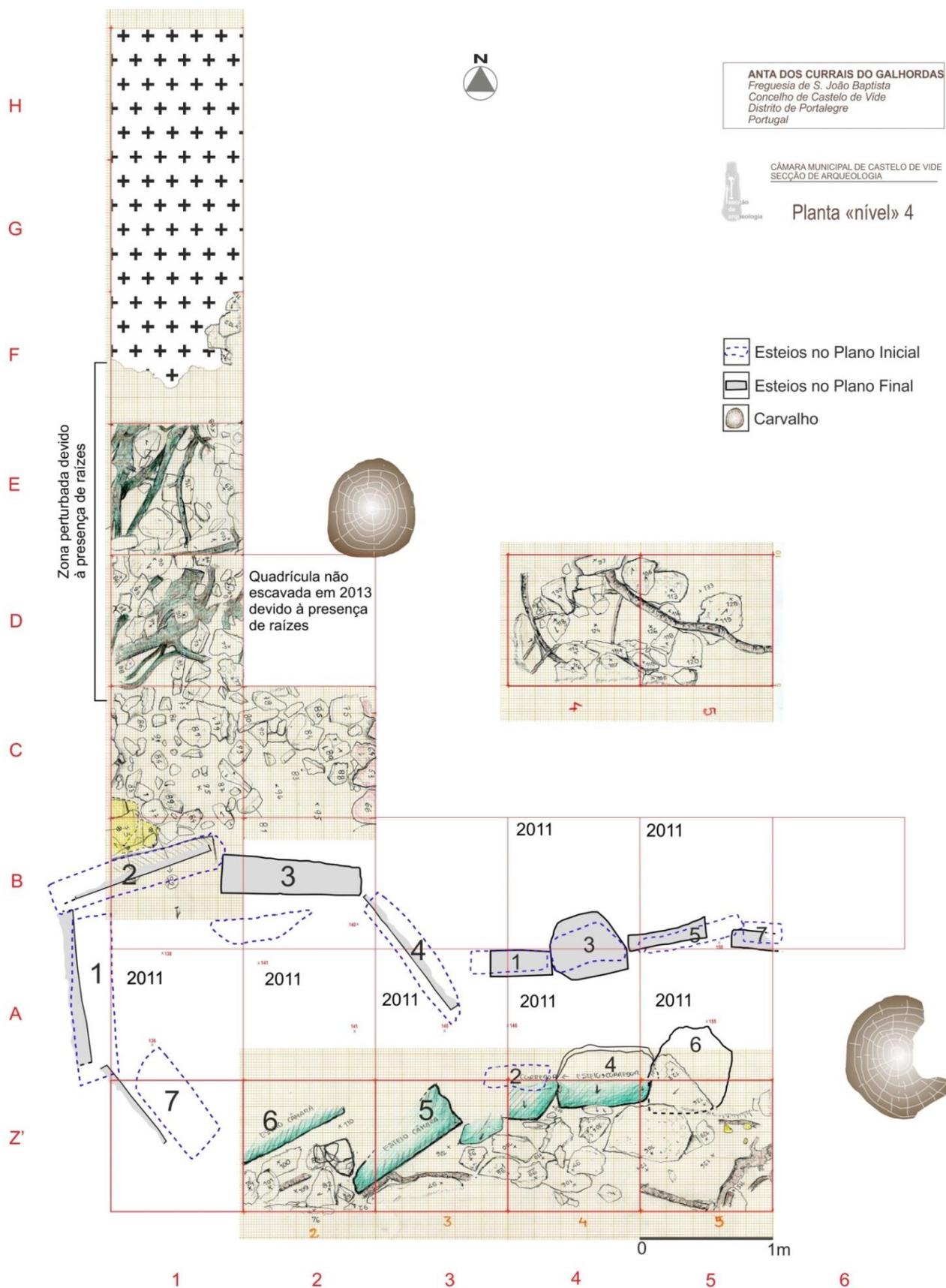
PLANTAS



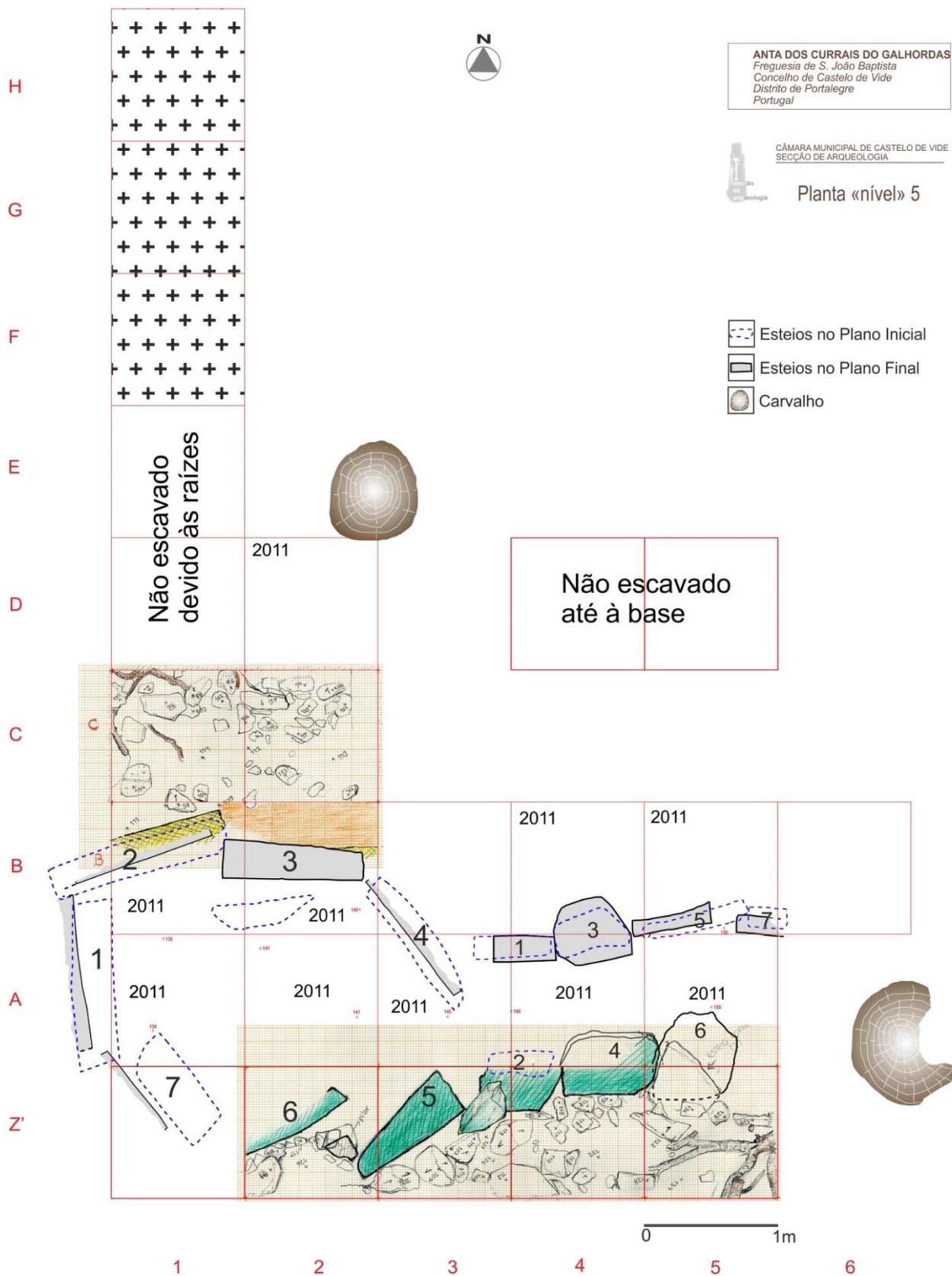
Planta 2 – Representação das camadas pétreas do “nível” 2



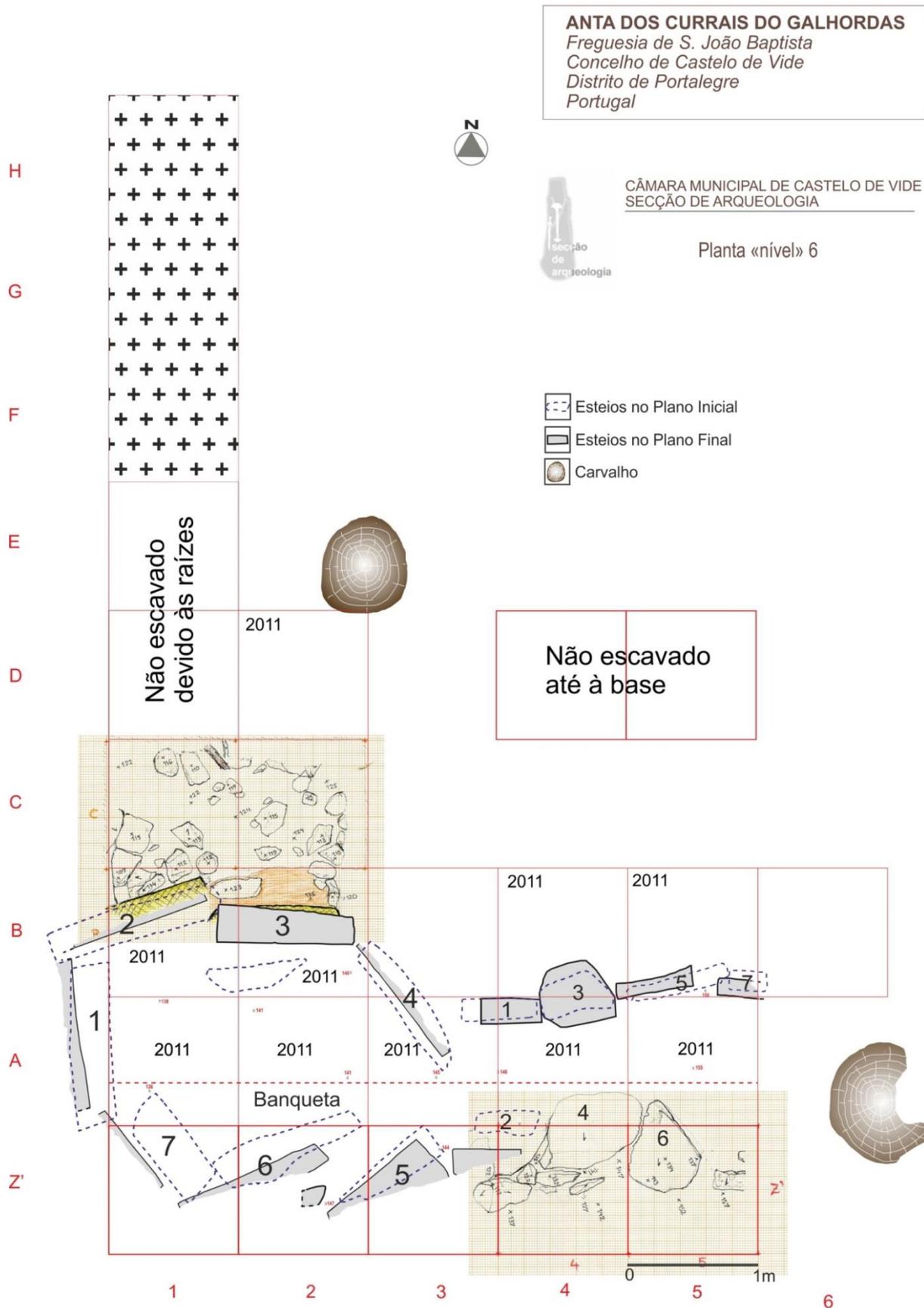
Planta 3 – Representação das camadas pétreas do “nível” 3



Planta 4 – Representação das camadas pétreas do “nível” 4



Planta 5 – Representação das camadas pétreas do “nível” 5



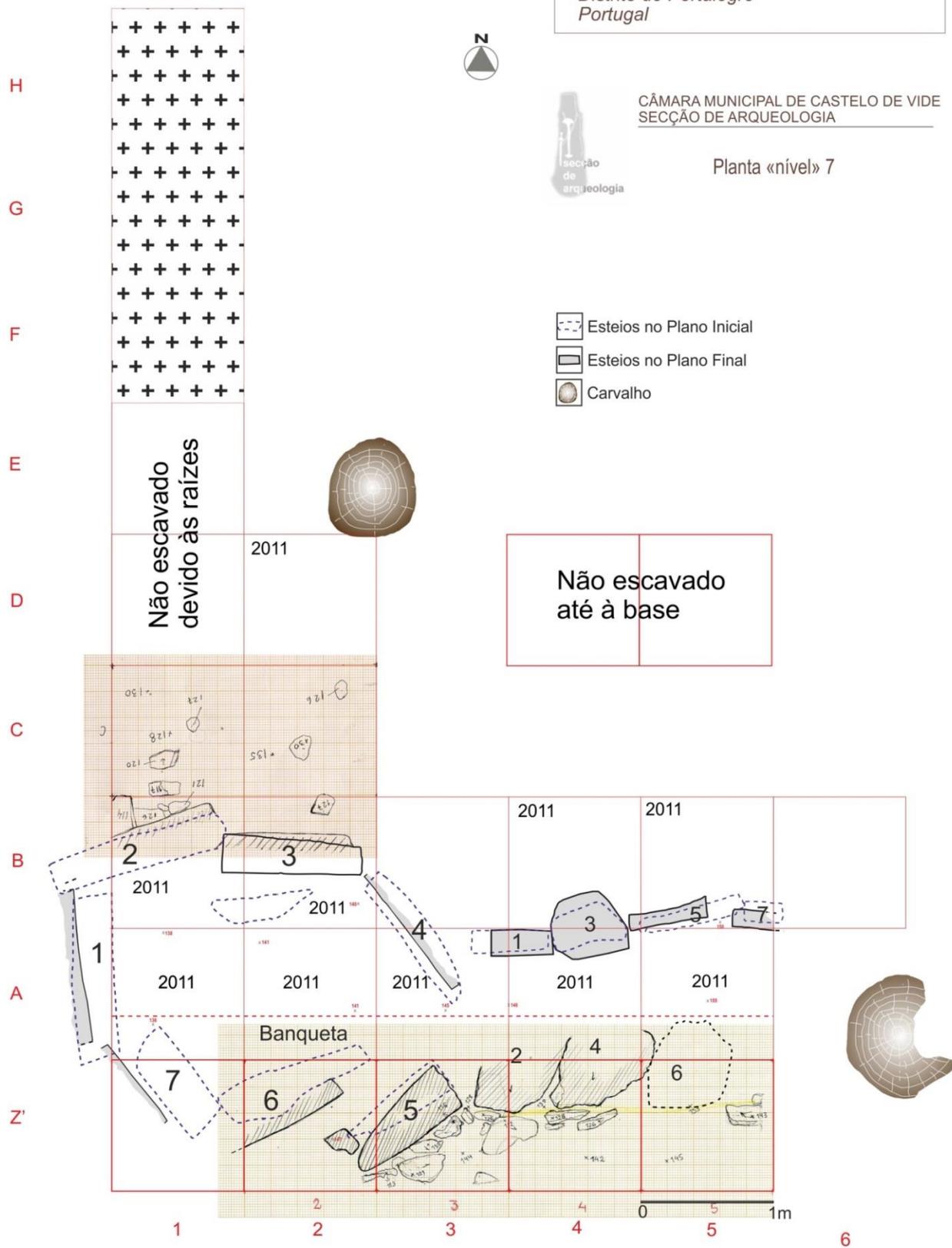
Planta 6 – Representação das camadas pétreas do “nível” 6

ANTA DOS CURRAIS DO GALHORDAS

*Freguesia de S. João Baptista
Concelho de Castelo de Vide
Distrito de Portalegre
Portugal*

CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

Planta «nível» 7



Planta 7 – Representação das camadas pétreas do “nível” 7